

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM  
THRILLER  
PERFEITO!»  
★★★★★  
GOODREADS

# A CIRURGIÃ

E SE TIVESSE DE SALVAR A VIDA  
DE ALGUÉM QUE ODEIA?

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma  
dos  
livros

LESLIE WOLFE

# A CIRURGIÃ

Tradução de  
Carmo Vasconcelos Romão  
e Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt  
tiktok.com/@almadoslivros  
twitter.com/almados\_livros  
linkedin.com/company/alma-dos-livros

© 2023

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Copyright © Leslie Wolfe, 2023

Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em 2021 por Storyfire Ltd, comercializado como Bookouture

Título: *A Cirurgiã*

Título original: *The Surgeon*

Autora: Leslie Wolfe

Tradução: Carmo Vasconcelos Romão e Carla Ribeiro

Revisão: Isabel Garcia

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Istockphoto

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 518 104/23

1.ª edição: Agosto de 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

*Um agradecimento especial a Mark Freyberg, meu advogado e amigo da cidade de Nova Iorque, que me guiou com toda a sua perícia através das complexidades do sistema judicial.*

*Um empolgado agradecimento à Dra. Deborah (Debbi) Joule pela sua amizade e previdentes conselhos. Fez com que a minha pesquisa acerca das complicações da cirurgia cardiovascular fosse uma tarefa muito menos assustadora. A sua competência e paixão pela precisão e pelo pormenor transformaram a escrita deste romance numa experiência fantástica.*

## O PACIENTE

O que fiz?

O pensamento atravessa-me a mente, queimando-me e enfraquecendo-me o corpo. O fluxo de adrenalina preenche-me os músculos com a necessidade de correr, de fugir, mas não há sítio para onde ir. Trémula e fraca, deixo-me escorregar para o chão; a parede fria de azulejo é o único apoio das minhas costas. Por instantes, olho para as minhas mãos, mal as reconhecendo, como se nunca as tivesse visto protegidas por luvas cirúrgicas cobertas de sangue. Não as reconheço: mãos de uma desconhecida ligadas ao meu corpo por um erro inexplicável.

Um *bip* soa firme e incessante por cima do ruído constante do ar condicionado. Quem me dera poder ter forças para lhes pedir que o desliguem. A sala de operações está em silêncio, todos os olhos cravados em mim, muito abertos e tensos por cima das máscaras.

Apenas um par de olhos parece furioso, perfurando os meus sempre que pode, as íris azuis-aço do Dr. Robert Bolger que, ainda sentado junto ao equipamento de anestesia, não precisa de dizer nada. Dissemos um ao outro tudo o que precisa de ser dito. Até de mais.

– Desliga isso – murmura Madison.

Lee Chen carrega num botão e o som horrível cala-se. Depois, aproxima-se de mim e inclina-se a meu lado. Estende a mão para o meu ombro, mas detém-se antes de me tocar.

– Doutora Wiley? – murmura com a mão ainda no ar. – Anne? Vamos, venha.

Abano a cabeça lentamente, com os olhos no chão. Recordo-me da perfeita precisão da cobertura de polímero, aplicada no chão de todas as salas de cirurgia. Uma informação inútil que, sem razão, ocupa espaço no meu cérebro, pois sou cirurgiã e a utilizadora final destes pavimentos de mosaicos azuis, não a

pessoa que decide que cobertura deve ser usada.

– Anne? – Madison repete o meu nome, em voz tranquilizadora, cheia de afeto.

– Não – respondo num murmúrio. – Não posso.

Uma esponja cirúrgica cai de cima da mesa, manchando o chão impecável a centímetros de distância da ponta do meu pé direito. Dobro a perna por baixo do corpo e olho para a esponja como se a mancha de sangue sobre ela pudesse vir atrás de mim.

Madison afasta-se sob o olhar furioso do Dr. Bolger.

Este suspira e desliga o equipamento, tornando mais profundos o silêncio e a tensão da sala.

– Bom, creio que acabámos. – Levanta-se com um gemido frustrado e lança um olhar carregado ao Dr. Dean, o ecocardiologista. – Vamos beber um café para lavar a recordação desta desgraça.

O Dr. Dean lança-me um olhar rápido, como que a pedir a minha aprovação. Provavelmente sente-se culpado por estar a ser selecionado por Bolger. Mal dou por isso.

Não reajo. Não consigo.

Sinto a mente algures, a reviver momento a momento o que aconteceu desde esta manhã.

O dia começou bem para mim, sem sinais do que viria acontecer. Uma caprichosa manhã de primavera, ventosa, o que tornou a minha caminhada matinal mais um exercício de força de vontade do que de resistência física. Chicago tem uma forma de mostrar aos seus residentes um amor exigente, com rajadas de vento gelado que cortam, por assim dizer, os ossos – sem que haja qualquer cirurgia envolvida; só o tempo e a percepção que as pessoas têm dele.

Exatamente como nas últimas semanas, fiz o circuito habitual de quatro quilómetros e meio de Lincoln Park, a olhar para os olmos e adernos com a esperança renovada de encontrar uma folha a nascer por muito pequena que fosse. Estava pronta para a primavera, para os jardins floridos e para o sol mais caloroso. Não pensava em mais nada; às seis e meia da manhã parecia ser mais uma vulgar quinta-feira. Ilusoriamente.

Cerca das sete e meia cheguei ao piso dos funcionários no parque de estacionamento do hospital e ocupei o lugar que me está reservado. Em casa, na noite anterior e no conforto do meu escritório, revira pela última vez os pormenores da cirurgia desse dia, uma rotina que estabeleci.

O procedimento agendado era um aneurisma da aorta ascendente a um paciente de cinquenta e nove anos chamado Caleb Donaghy. A intervenção estava marcada para as dez horas em ponto.

Estivera duas vezes com Caleb Donaghy. A primeira fora numa consulta. O seu cardiologista descobrira um grande aneurisma e enviara-o para nós, para uma cirurgia de reparação. Recordo-me nitidamente dessa consulta. O paciente estava compreensivelmente assustado pela descoberta, e ainda mais com cada palavra que eu lhe dizia. Manteve os braços firmemente cruzados como se protegesse o seu coração do meu bisturi. A sua barba mal cuidada tinha fios de um cinzento-amarelado e esse mesmo cinzento adornava-lhe as têmporas, tanto quando lhe pude ver debaixo do boné de beisebol que se recusara a tirar. Deixei que o conservasse.

Mostrou-se taciturno e argumentativo durante algum tempo, pondo em causa tudo o que lhe dizia. O que fizera para merecer um aneurisma? Os pais só recentemente tinham falecido e não de problemas relacionados com o coração. Só depois de uns bons quinze minutos a gerir a sua ansiedade consegui avaliá-lo.

Essa foi a primeira vez que nos encontramos.

Vi-o de novo ontem à noite, depois de completar a sessão para o planeamento da cirurgia com a minha equipa. Caleb Donaghy fora admitido dois dias antes e repetira todas as suas análises ao sangue. Estava sentado, muito direito, na cama, com o boné manchado dos Chicago Cubs na cabeça, de braços cruzados, encostado às almofadas e não fazia absolutamente nada quando entrei. O televisor estava desligado, não havia revistas na cama e tinha o telemóvel com o ecrã para baixo sobre a mesa-de-cabeceira. O quarto cheirava ligeiramente a tabaco velho e suor alcoólico. Estava amuado, infeliz e só. E estava irritado. Acabara de saber que lhe iam rapar a barba e o peito no pré-operatório. Para tornar ainda as coisas piores, alguém da administração do hospital passara para lhe perguntar se estava registado como dador de órgãos. Durante sete longos minutos, disse-me, de várias formas, que não ia deixar que o vendessem aos bocados. Sabia o que nós, os médicos, fazíamos a pessoas como ele, que não tinham família para nos processar nem dinheiro que interessasse. Pegávamos nos órgãos e transplantávamo-los em quem oferecesse mais. Senão, porque teriam vários edifícios do nosso hospital o nome da pessoa mais rica de Chicago?

Garanti-lhe que não seria o caso. Não quis ouvir. Depois disse-lhe que tudo o

que tinha de fazer era dizer não, e o transplante de órgãos deixaria de ser uma possibilidade no caso de um resultado negativo da cirurgia. Que é o calão dos cirurgiões para a morte na mesa de operações. Aquilo silenciou-o imediatamente.

Mas isso foi ontem.

Esta manhã, Madison tinha o meu café pronto quando entrei no gabinete. É a melhor enfermeira médico-cirúrgica com quem trabalhei e minha assistente pessoal quando não está com a roupa do bloco.

Madison; Lee Chen, o talentoso segundo enfermeiro médico-cirúrgico da minha equipa; Tim Crosley, o perfusionista cardiovascular que manobra a máquina do coração e pulmões a que chamamos «a bomba»; e o Dr. Francis Dean, o ecocardiologista, fazem parte da minha equipa cirúrgica permanente. Depois, é um jogo de sorte com os anestesistas e a palhinha mais pequena e aborrecida saiu-me com o Dr. Bolger. Há nele algo de desagradável. Talvez a sua misoginia não disfarçada. Correm boatos de que foi por duas vezes censurado pela administração do hospital por injúrias sexistas, insistindo que as mulheres não deveriam estar presentes no cenário clínico acima da profissão de enfermeiras. O desprezo pelas mulheres sai-lhe pelos poros, embora recentemente se tenha tornado mais cuidadoso em não o mostrar. É também um filho da mãe arrogante, apesar de ser um anestesista excelente. Os seus feitos profissionais alimentam a sua insolência e diluem a resolução da administração do hospital quando se trata dos seus problemas comportamentais. É este o Dr. Bolger.

Quando estamos juntos na sala de operações, tento sempre que as coisas funcionem o melhor possível para bem do paciente e da equipa cirúrgica.

Nunca resulta. É sempre preciso que as coisas funcionem pelos dois lados.

Lembro-me de ter soltado um palavrão em surdina ao ver o nome dele na agenda, mas depois afastei a questão da mente.

O Dr. Bolger já estava na sala de operações quando entrei. «Bom dia», disse eu, sem esperar uma resposta que também não veio. Apenas um breve aceno e um olhar de lado detrás da cortina cirúrgica que separa o mundo dele do meu, antes de voltar a sua atenção para o carrinho do equipamento à sua direita. A máquina de anestesia ajuda-o a fornecer as doses precisas. Controla as vias aéreas do paciente por detrás dessa cortina protetora. Durante a cirurgia, raramente, ou talvez nunca, vejo o rosto dos pacientes.

A minha atenção está focada no coração deles.

Tenho quarenta e um anos, e há doze que faço isto, desde que terminei o internato de cirurgia geral. Depois, passei para a cardiotorácica e nunca mais olhei para trás. É o que sempre quis fazer. E nunca perdi um paciente na mesa de operações.

Até hoje.

Essa ideia atinge-me como um murro no estômago.

Por um instante, regresso ao triste momento presente, olho à minha volta e tento registar o que vejo. Os focos cirúrgicos apagam-se. Madison ainda ali está, a olhar-me preocupada. Lee Chen está sentado na sua cadeira, pronto para se levantar de um salto se necessário. Tim Cosley está sentado junto da bomba, com as costas curvadas e a cabeça baixa. Se pudesse apoiaria certamente a cabeça nas mãos, mas ainda está a trabalhar, ainda tem de manter a esterilização. Enquanto a bomba zumbir, continua de serviço.

Os meus pensamentos voltam-se para a cirurgia. O bloco operatório estava cheio de conversas entusiasmadas como era habitual. Virginia Gonzales, a enfermeira circulante, que anda para trás e para a frente mantendo-nos organizados e trazendo-nos aquilo de que precisamos, partilhava as suas experiências acerca do namoro *online*. Acabava de passar por um divórcio terrível. Decidira recentemente que podia continuar a sair e a conhecer gente. Admirava nela a resiliência e tinha uma secreta esperança de que não fosse o desespero que lhe causava a ideia de viver uma vida completamente só. Mas o seu primeiro parceiro no Tinder acabara por ser um homem que se disfarçara dramaticamente e toda a equipa ria enquanto ela contava os pormenores. Dissera ser um executivo dos transportes quando afinal era camionista. Não havia nada de mal nisso, disse Ginny imediatamente, mas o homem não sabia o que era limpeza dentária e durante o encontro de vinte e cinco minutos deixara escapar que frequentava prostitutas quando andava na estrada. Das baratas, garantiu imediatamente a uma Ginny assombrada.

Ao ouvi-la falar não pude deixar de pensar como estava grata pelo meu marido e pelo meu casamento. Morreria ermita se tivesse de voltar a procurar parceiro.

Uma gargalhada rápida soou no bloco operatório quando Ginny acrescentou: «Fugi logo dali.»

O Dr. Bolger olhou-a.

– Vamos tentar que haja algum profissionalismo aqui, se for possível – disse pausadamente, separando as palavras para causar impacto. – Se não for pedir

muito.

Abstive-me de discutir com ele. Todos estavam a trabalhar e a desempenhar as suas tarefas. As equipas cirúrgicas funcionam melhor quando têm uma forma de se descomprimir. Se houver silêncio numa sala de operações, se ninguém partilhar uma história, se não houver música a tocar, então há alguma coisa de muito, mas de muito errado.

Preferia tê-los a rir durante toda a cirurgia. É assim que se mantém a morte à distância. Comigo tem dado resultado. Até agora.

– O que prefere? – perguntou Madison junto à aparelhagem.

– Um, deixe-me ver. – A caminhada matinal fizera-me pensar nos Beatles. – Tem «Here Comes the Sun»?

Madison sorriu atrás da máscara. Vi pelos olhos dela. Adorava-os.

– Tenho aqui toda a coletânea dos maiores êxitos.

– Ponha-a – disse eu, passando entre o equipamento e a mesa de operações até chegar ao meu posto, junto ao peito do paciente.

A música encheu a sala.

Cantarolando estendi a mão e o bisturi caiu firmemente sobre ela. Não era preciso pedir; Madison sabe como trabalhar. Tenho a certeza de que é capaz de me ler a mente, embora essa possibilidade não esteja cientificamente provada.

A partir da primeira incisão – uma linha vertical no centro do esterno – todos os passos da intervenção são de rotina.

A esternotomia para expor o coração.

A abertura do pericárdio, a fina membrana que envolve o coração e a exposição do aneurisma.

Era grande, um dos maiores que já vira. Mas já o sabia, dos anteriores estudos de imagem. Estávamos preparados para aquilo.

– Ligar a bomba – disse eu, dando instruções a Tom para começar a fazer circular o sangue do paciente através da máquina do coração e pulmões. – Pinça de oclusão preparada – afirmei. – Solução salina fria – pedi. E foi administrada uma solução de potássio nas cavidades do coração. Lavei generosamente o exterior do coração, sabendo que o fluido frio conservaria o tecido cardíaco enquanto trabalhássemos. Em segundos, o coração parou e a sua imobilidade semelhante à morte foi anunciada pelo zumbido que esperávamos. O som assistólico ou a ausência de batimento cardíaco.

Com o coração perfeitamente imóvel, comecei a trabalhar para substituir o aneurisma aórtico com um implante. Levei quase todo o álbum dos Beatles a

cosê-lo.

É estranho como me lembro sobretudo do frio. Está sempre frio no bloco operatório. O sistema de ar condicionado lança ar a uma temperatura de dezassete graus. O jato frio que baixa a temperatura do coração e o imobiliza é lançado a cinco graus, um pouco acima do ponto de congelação. Algum tempo depois, sinto os dedos dormentes, mas movo-os o mais depressa que posso. Porém, hoje parecia estar mais frio do que o habitual, a única premonição que posso dizer que tive.

Não acredito nelas. Tenho as minhas razões.

Quando acabei de coser o implante, examinei atentamente o meu trabalho, verificando se os pontos estavam suficientemente apertados. O teste final seria quando o sangue comesçasse a circular através do implante. Veria depois se existia qualquer fuga e, nesse caso, repará-la-ia. Geralmente tal não acontecia. De momento fiquei satisfeita.

– Solução salina quente – pedi. Essas três palavras marcaram o final do estágio de cardioplegia da cirurgia, em que o coração se encontra perfeitamente imóvel. Lavei generosamente o órgão com a solução salina quente, desfrutando da sensação de calor nos meus dedos gelados e depois usei a sucção para retirar o excesso da solução. – Vou retirar a pinça.

A pinça fez um ruído metálico quando caiu sobre o monte de instrumentos já utilizados. Sustive a respiração, sabendo que aquele era o momento da verdade.

O coração manteve-se perfeitamente imóvel.

Não havia fibrilação, nem o mais leve batimento. Nada. Perfeitamente imóvel.

E isso quase nunca acontece.

– Começar a reanimação – declarei. Madison apontou para a aparelhagem e Ginny desligou-a e ligou um segundo temporizador, com grandes números digitais a vermelho. O silêncio enchia a sala, um silêncio sinistro e indesejado, acentuado pela linha assistólica que zumbia no monitor cardíaco. – Epinefrina, rápido!

– Epinefrina a entrar – confirmou o Dr. Bolger.

A injeção de epinefrina deveria ter feito efeito, mas não. Massajei rapidamente o coração, sentindo-o completamente não reativo sob a pressão.

– Pás – pedi em voz tensa, impaciente. Madison meteu-as nas minhas mãos. Colocando-as cuidadosamente em lados opostos do coração, gritei «Afastem-se» e carreguei no botão. Uma breve interrupção no zumbido e depois o som das

más notícias regressou.

Experimentei mais algumas vezes e depois massajei de novo o coração com as mãos.

– Preciso de mais epinefrina. Tempo?

– Dezassete minutos – declarou Madison em tom sombrio.

– Maldito – resmunguei em surdina. – Vamos Caleb, fica connosco.

Continuei a massagem por mais uns minutos, mas nada aconteceu. A bomba continuava a oxigenar-lhe o sangue e a levá-lo aos órgãos, mas o coração era outro problema. O seu tecido já não estava protegido pela solução fria de potássio. Deteriorava-se a cada minuto que passava e a possibilidade de voltar a bater diminuía rapidamente.

– Vamos! Despacha-te! Vive! – gritei. – Volta!

Senti necessidade de olhar para o rosto do paciente, como se este pudesse conter respostas. Dei um pequeno passo para lá do lençol cirúrgico – e fiquei gelada, de boca aberta sob a máscara, com a mão parada no ar. Creio que soltei uma exclamação abafada, mas penso que ninguém reparou, debaixo do zumbido do ar condicionado, do sussurro da bomba e do barulho do monitor.

Reconheci o homem

Senti o sangue gelado.

O rosto que ontem vira e não reconhecera estava agora barbeado. A testa calva, marcada por uma mancha cor de vinho do Porto do lado direito. O sinal de nascença era vermelho e de forma irregular e espalhava-se-lhe na testa como se alguém tivesse lá entornado vinho.

Precisei de toda a minha força de vontade para recuar para trás do lençol. Respirei fundo, grata pelo ar fresco que evitava que a minha mente enlouquecesse. Pousei as pás sobre a mesa e fiquei a olhar para o coração que se recusava a bater.

– Tempo? – perguntei mais uma vez, desta vez em voz sufocada.

– Vinte e um minutos – respondeu Madison.

Enfiei as mãos no peito dele e massajei o coração, sabendo que as minhas compressões não resultariam.

Obriguei-me a respirar e disse:

– Vou declarar o óbito.

– Como? – O Dr. Bolger pôs-se de pé de um salto. – Estás maluca? Continua. Já esperava.

– Podia continuar, mas ele não vai reagir, Robert. Tentámos tudo. O coração

não me dá o mínimo batimento.

Os seus olhos de aço atingiam-me como dardos envenenados.

– Vais desistir já? Porquê? As tuas lindas mãozinhas estão cansadas, amor?

Deixei passar. Não ajudaria ninguém, se discutíssemos diante do peito aberto de Caleb Donaghy.

– O caso é meu. A responsabilidade é minha. – Aguentei firmemente a agitação do olhar dele. – Hora do óbito 13:47.

Um silêncio pesado apoderou-se da sala. Depois, as pessoas começaram a movimentar-se, recolhendo instrumentos, descalçando as luvas, desligando o equipamento. Apenas Tim se mantinha no seu lugar, com a bomba ainda a trabalhar conservando os órgãos e os tecidos de Caleb.

– É inacreditável o que aconteceu aqui hoje – disse o Dr. Bolger. – Ridículo até. Não perdeste apenas os três... deitaste-os fora.

A referência sexual ao facto de eu nunca ter perdido um paciente deixou-me a imaginar até que ponto o seu desdém não seria, de facto, inveja. Mas essa ideia desapareceu imediatamente.

Depois, a realidade atropelou-me como um comboio de mercadorias.

*Que fiz eu? Terei acabado de matar um homem?*

## JANTAR

**P**aula Fuselier quase correu da porta do táxi para a entrada do Hotel Langham, com os saltos dos sapatos a baterem ruidosamente contra o passeio liso e escorregadio. Abrandou um pouco ao entrar no átrio para evitar abalroar uma mulher idosa que puxava um trólei Louis Vuitton e retomou a corrida depois de ter lançado um olhar preocupado às horas no ecrã do seu telemóvel.

Já estava dois minutos atrasada. O chefe dissera às quatro em ponto. Usara de facto a expressão *em ponto* duas vezes. Era por isso que era importante para ela chegar a horas.

O som dos saltos chamou a atenção de um rececionista quando ela ainda estava a uns metros da receção. Sorriu pacientemente, como que para lhe dizer que não havia necessidade de se apressar. Ela deteve-se, pronta para partir a toda a pressa.

– Travelle? – perguntou, gritando o nome do restaurante no átrio movimentado.

O sorriso do rececionista alargou-se.

– Segundo andar. – E apontou para os elevadores.

O ressoar dos saltos apressados contra o brilhante chão de mármore voltou a ouvir-se indecentemente no átrio enorme. Logo que chegou aos elevadores, carregou no botão de chamada várias vezes, o calcanhar impaciente do sapato esquerdo a bater ao ritmo das suas apressadas e ansiosas pulsações.

– Desculpe o meu atraso. – Reconheceu a voz de um homem e, assim que as portas do elevador se abriram, voltou-se e viu o chefe, Mitch Hobbs, a sorrir severamente a seu lado. O sorriso não lhe chegava aos olhos. – Felizmente, isto quase nunca acontece quanto tenho de estar no tribunal.

As faces dela ruborizaram-se debaixo da maquilhagem. A insinuação era

inequívoca. O chefe reparava sempre nos atrasos, nem que fossem de poucos minutos. Ou quaisquer outros comportamentos impróprios, por muito inconsequentes. O procurador-geral de Cook County não era pessoa para tolerar um mau desempenho.

Mesmo assim, suspirou de alívio. Era melhor do que a terrível alternativa: o chefe à sua espera no restaurante mais exclusivo dos hotéis de cinco estrelas, a tamborilar com os dedos na toalha engomada, enquanto aguardava que a sua subordinada tivesse a decência de aparecer a horas.

Conseguiu esboçar um sorriso embaraçado e murmurou uma desculpa ao entrar no elevador. Depois, hesitou um momento antes de carregar no botão, tentando firmar a tremura da mão.

Quando o elevador se pôs em movimento, lançou um rápido olhar ao seu reflexo no espelho. Apesar do inesperado convite com tão pouca antecedência, o seu longo cabelo castanho parecia perfeito, como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro, preso atrás ao de leve com um travessão de ouro e pérolas, que deixava livres umas madeixas para lhe emoldurarem o rosto. Tinha a maquiagem impecável depois de a ter retocado no táxi a caminho do hotel. O fato formal era o correto, de um tom azul-escuro perfeito, a condizer com a blusa de cetim. A gola da blusa, habilmente concebida como um laço de pontas compridas estava um pouco torta, mas, nervosa, arranjou-a rapidamente, com movimentos furtivos, nas costas do chefe, na esperança de que as pontas rebeldes e escorregadias do laço não acabassem por cair dentro da tigela da sopa.

Não fazia ideia da razão daquele convite inesperado.

O chefe era incrível e intensamente profissional. Havia oito anos que trabalhava para ele e, antes de Mitchell Dwight Hobbs ter sido eleito para chefiar o Gabinete do Procurador-geral do segundo condado mais populoso dos Estados Unidos, trabalhara para o seu antecessor. Toda a sua carreira tivera que ver com levar a justiça às ruas de Chicago. Desde o dia em que fizera o exame à ordem e recusara várias ofertas de sociedades de advogados em favor do Gabinete do Procurador, que dedicara a vida a algo de importante: justiça para todos, para os desfavorecidos, para pessoas que raramente encontravam uma voz forte para falar em seu favor.

Mais do que tudo, queria ser essa voz. Essa paixão alimentava o seu recorde de condenações, logo a seguir ao do procurador. Conseguira uma alcunha no mundo do crime de Chicago: chamavam-lhe a *Víbora das Árvores* – mortífera se alguém se lhe atravessava no caminho. Adorava secretamente a alcunha. Dizia-

lhe que tinha sucesso.

O chefe era muito conhecido naquele restaurante elegante onde tinha uma reserva permanente. Perfeitamente à vontade naquela sala de jantar, Hobbs conduziu-a a uma mesa junto à janela, convidou-a a sentar-se com um gesto e instalou-se diante dela. A mesa não tinha uma toalha branca e engomada como pensara, mas o seu acabamento impecavelmente envernizado revelava o grão da madeira e harmonizava perfeitamente com a restante decoração.

O empregado apareceu imediatamente, trazendo uma bandeja com água *Pellegrino* gelada e dois copos altos. Outro entregou as longas ementas, colocando-as sobre os pratos com gestos suaves.

Por um momento, Paula sentiu-se grata por poder esconder o seu olhar intrigado do escrutínio do chefe. Todos os pratos faziam crescer água na boca, mas ela tinha a sensação de não conseguir comer nada, pois sentia no estômago um nó tenso e doloroso como se tivesse engolido uma pedra.

Hobbs não precisou de mais do que uns segundos para se decidir. Voltou a pousar a ementa sobre a mesa e o empregado apareceu prontamente com um bloco na mão.

– Vou pedir o bife, Willie – disse Hobbs e depois voltou-se para ela. – E a doutora Fuselier?

Paula engoliu com dificuldade.

– Uma salada é o bastante. Não tenho muita fome.

Hobbs pousou a mão na superfície brilhante da mesa com uma pancada seca, um gesto que ela bem conhecia das reuniões para a estratégia da acusação e de inúmeras discussões de casos.

– Que disparate! – Ergueu rapidamente o olhar para o empregado. – Ela também vai pedir o bife à cortador. É o que comem os caçadores.

– Com certeza – replicou o empregado. – E como o querem.

– Médio-mal. Gosto de um toque de sangue – disse com um sorriso a esticar-lhe os lábios. Aquele sorriso e o brilho nos olhos quando falava de caçadores, carne e sangue, retirava a banalidade da sua aparência, a sensação de benevolência induzida pelos seus óculos de aros prateados e o sorriso quase permanente, mostrando as suas verdadeiras cores por um mero segundo. Quando os olhos pousaram firmemente nos dela, ainda cintilavam. – Porque é o que fazem os caçadores. Fazem correr sangue.

Paula sentiu um arrepio na espinha. A insegurança desenrolou-se nas suas entranhas. Pousou as mãos unidas no colo e respondeu sem pestanejar:

– É bem verdade.

Willie desapareceu tão silenciosamente como chegara, deixando entre eles um momento de silêncio incômodo. Paula evitou beber um gole de água, sabendo que Hobbs lhe observava todos os movimentos. Aparentando, provavelmente fingindo, estar perfeitamente descontraída e natural, esperou como se não tivesse preocupações neste mundo.

– Bom, vou direto ao assunto – disse por fim Hobbs com um suspiro. – Até porque começámos atrasados.

Paula conseguiu esboçar um tímido sorriso, em vez de gemer e revirar os olhos. Quatro minutos. Era tudo. Porém, ele tinha razão.

– Tenho-a observado, cara Fuselier – disse Hobbs, pegando no copo de água e fazendo-o girar com movimentos cuidadosos como se quisesse ver-se livre das bolhas. – A senhora não sabe perder. – Sorriu-lhe por um breve momento, e depois ficou sério. Gosto muito disso num procurador. *Preciso* disso em todos os meus assistentes, mas só o consigo em alguns.

Paula permitiu-se respirar, esvaziando lentamente os pulmões do ar que tinha prendido dentro deles. Depois voltou a enchê-los.

– Mas há em si algo que não compreendo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Talvez eu possa explicar.

Ele fez um gesto com a mão, um pedido mudo de paciência.

– Há causas que a senhora leva a tribunal e ganha, fazendo as acusações com elegância e sem esforço. Mas há outras como a do roubo Kestner, no mês passado, em que vai atrás deles como uma vingança, com um apetite de sangue.

Paula engoliu em seco, mantendo os olhos fixos no rosto do chefe. O que seria aquilo? Podia ter-lhe feito as perguntas no escritório. Mas conteve-se permitindo que ele a interrogasse.

– O que tinha o caso Kestner de diferente? – Mitch Hobbs olhava-a atentamente como um predador pronto a atacar. – É pessoal?

Um instante tenso de silêncio.

– Tem que ver com a vítima, doutor – replicou com naturalidade. – Se a vítima é desfavorecida, neste caso uma criança órfã, que saiu do sistema de acolhimento sem um tostão, então quero a pena máxima para o criminoso. – Inclinou-se para ele, pousando as mãos na borda da mesa. – Imagina o difícil que foi para esse rapaz ter juntado dinheiro para comprar um *Honda* velho? O que aquela carripana representava para ele? Um emprego um pouco melhor,

talvez até um lugar para dormir, se por acaso acabasse na rua.

Os tempos estão maus para todos. – Os dedos dela, esguios, com unhas bem tratadas, encontraram a bainha do guardanapo com que brincava distraidamente. – Aquele *Honda* significava mais para ele do que meio milhão roubado da conta de criptomoedas de um qualquer magnata industrial dos casos principais do mês passado.

– Ah, estou a ver – comentou Hobbs. – Sabe o que é que isso quer dizer?

Um pouco surpreendida, Paula abanou a cabeça.

– Que nasceu para isto. Que é um capital político em bruto. É como uma pepita de ouro, em bruto, pronta para processar. Verdadeira, por oposição a falsa. Incrivelmente difícil de encontrar.

Ela olhou-o, sem perceber onde levaria aquela conversa. Porém, ele não parecia perturbado pelo seu silêncio.

– Creio que a Paula pode ser o futuro do Ministério Público. A partir de hoje, com a sua promoção a chefe do Gabinete dos Processos Criminais, vou começar a instruí-la para um dia ficar com o meu lugar.

De queixo caído, Paula olhou-o por breves instantes. Não lhe parecia real, mas Mitchell Hobbs não era homem para fazer piadas acerca do gabinete que chefiava com orgulho.

– Não sei que dizer – respondeu ela, dolorosamente consciente de que estava a franzir a testa, o que não seria a reação apropriada para receber a notícia de uma promoção.

– Seria simpático se dissesse «obrigada».

Ela sorriu nervosa.

– Obrigada, doutor. Agradeço o seu voto de confiança. Não esperava. Sou a...

– A mais jovem chefe das causas criminais?

Anuiu e olhou para o empregado que se aproximava, equilibrando dois grandes pratos no braço. Não era o momento adequado para interromper a conversa.

– A diferença é de poucos anos, Paula. Já verifiquei. – Recostou-se, permitindo que Willie colocasse o bife à sua frente, e a seguir desdobrou o guardanapo e pousou-o sobre os joelhos. – Tenho confiança em que se dê bem. Sim, vai haver algumas ofensas e provavelmente o Parsons vai assoprar e depois passar para o setor privado onde conseguirá um vencimento de sete dígitos. Só que a Paula vai representar a parte oposta e fazê-lo engolir as manias de cada vez que se cruzar com ele no tribunal. – Espetou o bife com o garfo e cortou um

grande bocado fazendo correr o suco da carne que deixou no prato manchas cor de sangue. – Não é assim?

Ela provou um pouco de puré de batata. Estava delicioso, amanteigado e cremoso, suave como que misturado com ar.

– Com certeza.

A ideia de enfrentar em tribunal um Parsons frustrado, motivado e financeiramente incentivado, assustou-a por um breve segundo, mas logo um sorriso floriu nos seus lábios. Não passava de um idiota encartado, um advogado de terceira geração, com o curso de Harvard, exageradamente confiante com o avançar da idade. Não tinha o seu sentido prático.

– Ele que venha. – O que quer que aquele filho da mãe arrogante tivesse de enfrentar era merecido. Paula teve vontade de saltar da cadeira e dançar em volta da mesa.

Hobbs viu as horas e franziu um pouco a testa. Depois apontou para o bife de Paula.

– Despache-se. Tem exatamente oito minutos para terminar o almoço.

Ela franziu de novo as sobrancelhas.

– O que se vai passar dentro de oito minutos?

Hobbs esboçou um sorriso irónico.

– A sua festa. – Acenou para o empregado. – Traga uma garrafa de champanhe exatamente às quatro e trinta. Quatro copos. Se os nossos convidados chegarem mais cedo, instale-os por favor no salão até termos terminado.

Willie inclinou a cabeça e desapareceu. O restaurante começava a ficar movimentado, mas ele parecia estar destinado àquela mesa e raramente se afastava.

Paula cortou um bocado do bife e mastigou-o lentamente, saboreando o sabor refinado. *Oito minutos? E quem estaria para chegar?* Por um momento sentiu-se tentada a perguntar, mas decidiu manter a calma e esperar. Com Hobbs, a entrevista de trabalho nunca terminava. Ainda podia estragar tudo.

– Vai começar em maio. O Tannehil aposenta-se para o mês que vem. – Hobbs terminou o bife, mastigando entusiasmado a última dentada.

– Não sabia – replicou Paula, sem pensar. Arrependeu-se imediatamente. Não podia dar-se ao luxo de parecer ignorar uma coisa daquelas.

Hobbs empurrou o prato para o lado. Willie apareceu e retirou-o.

– Agora, vamos falar a longo prazo.

Paula deteve a mão no ar, com o garfo a centímetros da boca. Pousou-o lentamente e ficou a ouvir.

– Tem três meses para ficar dentro das coisas, três meses de formação, se preferir, seguidos de um ano à experiência. Espero mais de si do que de qualquer outro dos seus pares. Espero que faça melhor, com mais rapidez e maior lucro do que qualquer outra pessoa que tenha tratado de um caso criminal neste condado.

Ela bebeu um gole de água.

– Entendido.

– Se tiver dificuldades, não faça disso um segredo. Peça ajuda. Foi assim que comecei. Não é um trabalho fácil.

Paula assentiu.

– Obrigada. Assim farei. – Fez uma pequena pausa, sem saber se deveria perguntar. – E a minha equipa, doutor?

Ele acenou com a cabeça em vez de responder.

– Pode tratar-me por Mitch. – Os olhos dele brilharam de novo, um rápido relâmpago antes de voltarem a ser frios. – Agora não. A partir de maio.

Ela riu, depois espetou o último bocado do delicioso bife e meteu-o na boca.

– Obrigada – disse depois de terminada a refeição. – Por tudo. Principalmente por acreditar em mim.

– Quero orgulhar-me de si, Paula. – Viu as horas e fez sinal a Willie. Eram quatro e trinta.

Willie desapareceu e regressou com um balde prateado cheio de gelo que colocou na mesa, envolvido num guardanapo branco. O gargalo dourado de uma garrafa espreitava lá de dentro. Acima do guardanapo, o lado do balde de gelo tinha gravado o nome do hotel em letras finas, mal discerníveis.

Momentos depois, um homem e uma mulher aproximaram-se da mesa com sorrisos hesitantes.

Paula levantou-se para os cumprimentar. A mulher, Marie Eckley fora sua assistente durante sete anos. Era uma advogada brilhante e hábil, cujos dois filhos tinham recentemente abandonado o ninho. O homem, Adam Costilla, era um antigo detetive da polícia de Chicago que viera para o Ministério Público como investigador principal. Cerca de cinco anos antes, quando Adam, um polícia encorpado e cínico, que falava a sua própria versão abreviada de calão com pronuncia italiana que ninguém entendia, entrara para o Ministério Público, ela reconhecera o valor de ter a seu lado um polícia com conhecimento

das ruas. Guardava-lhe os casos mais difíceis, os que atraíam a atenção da comunicação social e as investigações mais importantes. Ele adorava-a por isso, porque lhe evitava «a morte lenta e dolorosa do aborrecimento», como costumava dizer.

– Muito obrigada por terem vindo – disse Paula em resposta ao abraço entusiasmado de Marie. – Esperem apenas até ouvirem as notícias. Vão adorar.

Hobbs observou as interações com grande atenção, sem sair do seu lugar, mas alguma impaciência a fazer-se notar através dos seus gestos.

– Senhor Hobbs – disse Adam Costilla apertando a mão do procurador. – Obrigado por nos ter chamado. A que vamos brindar?

– A quem e não a quê? – replicou Hobbs, acenando na direção de Paula, para a convidar a fazer a declaração.

– A partir de maio, serei a chefe dos processos criminais – declarou Paula, com a voz um pouco trémula de excitação. As palavras ainda não lhe pareciam verdadeiras; ainda lhe parecia impossível. – E foram vocês que me ajudaram a chegar lá. – Teve de erguer um pouco a voz acima das felicitações de Marie e do riso sincero e interjeições entusiásticas de Adam. – Vão comigo para o quinto andar.

– Metemo-nos já no elevador, miúda – exclamou Adam, erguendo o punho no ar.

– Boa! – Marie tocou-lhe no braço e ele acalmou, lançando a Hobbs um olhar tímido, mas mesmo assim risonho. Puxou a cadeira e sentou-se.

Willie aproximou-se e abriu a garrafa de champanhe, cujo ruído provocou uma nova ovação. Desta vez, Paula participou sob o olhar reservado do procurador do distrito. Os copos, cheios a três quartos, entrechocaram-se no ar.

– Parabéns – disse Hobbs levando o copo aos lábios, mas mal tocando no líquido. Mas não pensem que vou exigir menos de vocês.

O telemóvel de Paula tocou e o sorriso dela desvaneceu-se por um instante, antes de ver o nome de quem lhe ligava. Depois o sorriso voltou, irónico e acentuado, enquanto lia a mensagem.

*Estás a almoçar com outro homem e estou com uns ciúmes de morte. Posso ir ter contigo?* dizia a mensagem. Guardou a mensagem na memória do telefone em nome de *Senhor Mayor*. Sabia quem era... ninguém mais precisava de saber. Mesmo não sendo ele ainda *mayor*.

Com a testa um pouco franzida, mesmo sem o notar, respondeu rapidamente. *Sabes que não queres estar aqui. Porquê perguntas sequer?*

Sobressaltou-a a mão pesada de Adam no seu ombro e quase deixou cair o telefone.

– É o que se consegue em troca de todas essas noites longas e de muito trabalho. Mas é preciso ser-se uma pessoa especial para se lembrar da equipa quando se é promovida.

Paula meteu o telemóvel no bolso. Quando ergueu os olhos encontrou o olhar de aço e imperscrutável de Hobbs.

O chefe levantou-se da mesa e ergueu a mão para evitar que Adam o imitasse. Afagou rapidamente a sua gravata *Armani*, como se quisesse confirmar que estava no seu lugar e, a seguir, abotoou o casaco.

– Tenho de ir, mas, por favor, continuem. Tenho a certeza de que têm muito que conversar.

Paula levantou-se e apertou-lhe a mão por cima da mesa.

– Obrigada. Por tudo. Prometo que não se vai arrepender.

Ele nada disse. Limitou-se a olhá-la como que para ver se ela tinha de facto intenção de fazer o que dizia. Depois, deu meia-volta e saiu do restaurante a passo rápido.

– Uau! Este homem é intenso – disse Adam, erguendo o copo e convidando os outros a imitarem-no. Os copos brindaram alegremente pela segunda vez.

– À mulher, a lenda, a nossa única *Víbora das Árvores*.

Marie soltou uma exclamação abafada e cobriu a boca com a mão.

– Adam!

Paula sorriu.

– Tudo bem. Fomos todos nós que criámos essa alcunha.

– Mesmo assim, detesto-a. É uma coisa terrível para se chamar a outra pessoa.

O telefone de Paula tocou. Outra mensagem do *Senhor Mayor* – curta, críptica, cheia de promessas. HL #1098

Os olhos dela vaguearam pelo balde de gelo, onde as letras HOTEL LANGHAM estavam finamente gravadas sob as pequenas gotinhas de água. Sorriu, um sorriso de satisfação que lhe encheu o peito com uma emoção antecipada. Algures, naquele hotel, no décimo andar, o futuro *mayor* de Chicago estava prestes a ficar nu e a esperar por ela na cama, muito excitado, a contar cada minuto até ela ir ter com ele. O fim perfeito para um dia perfeito.

Pegou no copo e levantou-o para que Adam lho enchesse.

Este obedeceu rapidamente.

– Estás com ar de quem está a preparar alguma – disse sarcástico, olhando-a

com olhos inteligentes, brilhando de curiosidade.

Ela nem pestanejou.

– A sério? – Pousou o copo. Uma gota de *Krug Grande Cuvée* caiu sobre o acabamento brilhante da madeira. Paula resistiu ao impulso de a limpar. – Não estou com pressa, pessoal. Vamos encomendar qualquer coisa para comer.

Sorriu para consigo, um leve sorriso, ao pensar que o amante a esperava, desejando-a mais a cada minuto que passava.

## INTROSPEÇÃO

O bloco operatório parece ainda mais frio do que antes, agora que a maioria das pessoas que todos os dias lhe dá vida se foi embora. Apenas Madison continua acocorada a meu lado e Tim Coley sentado junto à bomba a olhar para os pés.

Com os dentes a bater, tento levantar-me, mas não consigo. A fraqueza espalhou-se pelo meu corpo como cola, imobilizando-me, paralisando-me. Porém, não consigo tirar os olhos da cabeça do paciente, uma forma que mal se vê por baixo do lençol. Sinto-me atraída para ele, a necessidade de ver mais uma vez a sua cara é imensa e desafia o impulso de me deitar no chão azul e gelado.

O bloco operatório parece diferente com as luzes apagadas. Iluminado como outra qualquer sala de tratamentos por luzes montadas no teto que emprestam um tom azul a tudo, parece não ter vida, uma conclusão inevitável de fracasso e derrota.

Tal como Caleb Donaghy.

Nunca tinha perdido um paciente.

O vazio que sinto é lancinante. Os meus pensamentos vagueiam de forma estranha, tentando fazer sentido ao que acabou de acontecer. Estendo a mão para a beira de um carrinho, na esperança de me segurar a ele para me apoiar, enquanto tento levantar-me. Porém, encontro o braço de Madison. Agarro-me a ele com mão trémula, ainda coberta por uma luva manchada de sangue, grata por ela ali estar, contudo incapaz de a olhar nos olhos.

Tim sai do seu posto junto da bomba e corre a ajudar-me. Depois de me ter conseguido levantar, nenhum deles me solta até eu murmurar «Estou bem, a sério». Mas não estou. Quase nem me aguento de pé, sinto-me pouco firme e desequilibrada, como um naufrago levado pelo vento.

O esforço para me levantar obriga a que a minha mente se concentre. Lembro-me de coisas que tenho de fazer, de doentes que tenho de ver.

– Bom, o *bypass* do William? – pergunto em voz rouca, com a garganta fechada e a boca seca.

– Foi reagendado – murmurou Madison. – Passou para o doutor Seldon. Não se preocupe, minha querida.

Faço um gesto de assentimento. O Dr. Seldon não me criticará. Foi o meu orientador da especialidade. Aprendi com ele praticamente tudo o que sei. O meu paciente está em boas mãos. *O meu outro paciente... o que ainda está vivo.*

Olho para o corpo de Caleb Donaguy com mais receio do que se olhasse para dentro de mim.

Madison toca suavemente no meu braço.

– Pronto. Vamos levá-la a casa.

Abano a cabeça, ainda a olhar para o corpo do meu paciente, atraída por ele por uma força invisível que não posso derrotar.

Um pequeno passo de cada vez, aproximo-me, com a respiração presa nos pulmões, incapaz de a soltar. Contra tudo o que é razoável, espero que ele acorde e me aponte com um dedo manchado de tabaco, acusando-me, ameaçando-me.

Mas ele mantém-se imóvel sob o monte dos lençóis cirúrgicos e esponjas ensanguentadas, com o coração perfeitamente parado no peito aberto. As minhas mãos estavam lá há minutos, a trabalhar para o fazer voltar à vida, desejando que o ritmo sinovial normalizasse, dando o meu melhor.

Até ter visto o rosto dele.

Reconstituindo os meus passos anteriores, avanço aturdida para lá do lençol cirúrgico que separa a cabeça do resto do corpo.

A marca vermelha na sua testa pálida atrai o meu olhar como um íman. Um sinal de nascença único, que eu reconheceria imediatamente quando ainda tinha esperança em trazer Caleb Donaghy de novo à vida, o sinal cor de vinho do Porto que assombrara os meus pesadelos durante anos.

Como poderia ter visto este paciente duas vezes antes do dia de hoje, sem saber quem ele era?

Fecho os olhos com força e agarro o lado da mesa de operações com ambas as mãos. A sala gira à minha volta, cada vez mais depressa, enquanto tento desesperadamente segurar-me. Depois, apercebo-me de que tenho estado a sustentar a respiração, prendendo o ar nos pulmões e recusando-me a soltá-lo num sopro gelado e interminável.

Preciso de toda a minha força de vontade para obrigar o ar a sair e a entrar

várias vezes dentro de mim, até a sala deixar de girar e alguma força regressasse aos meus membros enfraquecidos. Quando abro os olhos, a primeira coisa que vejo é a marca cor de vinho do Porto na testa do meu paciente. Mais uma vez tem sobre mim um efeito paralisante.

Envia ao meu peito um medo indescritível. Gela o meu sangue. Não é uma possibilidade clínica, mas parece-me que esses cristais de gelo são feitos de aço e têm lâminas que cortam dentro de mim.

Como foi possível não o ter reconhecido?

Usava aquele maldito boné de beisebol sempre que nos encontrávamos. Não lhe pedi que o tirasse. Não tive razão para isso. E a barba escondia as feições do homem que eu vira uma vez e esperava ver de novo, pelo menos mais uma.

Muitos pacientes usam barba e não há nada de mal nisso.

Até haver.

Aproximo-me mais e observo detalhadamente o seu sinal de nascença. *Ter-me-ia enganado acerca de quem era Caleb Donaghy?*

Sem me aperceber, abano lentamente a cabeça, com os olhos ainda cravados no sinal vermelho na pele.

– Vamos tirá-la daqui – murmura Madison.

Ergo a mão, implorando silêncio por mais algum tempo. Do outro lado da mesa de operações, Tim desliga a bomba e o desvanecer do seu sussurro é o último som que oiço, exceto o do bater do meu próprio coração. Não haverá recolha de órgãos. O meu paciente não dera o seu consentimento.

Parecia que tinham passado anos.

Não estou enganada, reconheceria o sinal cor de vinho do Porto daqui a cem anos. Vi-o tantas vezes na minha mente, sempre com toda a precisão, sem que a sua forma se desvanecesse na minha memória: uma forma grande e irregular, algo semelhante a um R manuscrito e embelezado, e três manchas mais pequenas, como se gotas de vinho tivessem de facto caído do lado esquerdo da letra, quase tocando na sobancelha.

Fecho de novo os olhos e imagino-o nitidamente. Ontem usava o boné com a pala puxada para baixo, a proteger-lhe os olhos, como se estivesse ao sol penetrante da primavera e não numa sala de hospital fracamente iluminada.

Tenho de perguntar a mim própria enquanto inspiro nova golfada de ar frio: *Saber quem ele é faria diferença no bloco operatório?*

A resposta, brutalmente sincera, ressoa ruidosa na minha mente. Por momentos, lança a Madison um olhar preocupado, como se ela pudesse ouvir os

meus pensamentos e julgar-me por eles. Ficar horrorizada por eles. Mas ela olha-me e nos seus olhos há apenas bondade e compreensão.

Se tivesse sabido que se tratava de Caleb Donaghy antes da cirurgia, teria pedido a um colega que me substituísse. Ninguém estranharia; é um procedimento habitual não operar amigos, familiares ou qualquer outra pessoa que possa comprometer a capacidade do cirurgião agir na sala de operações. Teria sido fácil. E se Caleb tivesse sobrevivido, eu teria...

Não sei o que teria feito.

Mas não sabia quem ele era antes de lhe abrir o peito e de segurar o seu coração nas minhas mãos.

Será que hesitei? Que cometi algum erro?

Com a testa franzida, num gesto nervoso, descalço as luvas e lanço-as para o contentor de resíduos biológicos, depois volto-me para Madison:

– Luvas limpas, por favor.

Ela não se mexe.

– Anne, vamos só...

– Por favor – repito, mostrando mais determinação no meu tom de voz.

Ela traz-me um par de luvas limpas, depois de substituir as suas, seguindo o procedimento à letra, como se o paciente ainda estivesse vivo. Depois ajuda-me a calçá-las, enquanto eu olho para o peito do paciente.

Inspeciono rapidamente o trabalho que fiz, procurando cortes, tecido maltratado, algo que pudesse explicar a razão pela qual o seu coração se recusara a funcionar. Não encontro nada. Mantenho-me imóvel, com as mãos no ar sobre o peito aberto, incapaz de responder a uma única questão crucial.

*Seria o seu coração viável após a cirurgia e teria eu dado o golpe final, se soubesse quem ele era?*

A minha cabeça baixa-se ao peso das implicações.

Antes de olhar para o rosto dele, depois da costura completa e o coração lavado com a solução salina, tentara ressuscitá-lo por mais de quinze minutos.

E isso era um facto documentado.

Lanço um olhar intenso às camaras sobre a minha cabeça. Atual-mente, todas as intervenções são gravadas, de múltiplos ângulos, as imagens sincronizadas com estatísticas críticas, tais como códigos de tempo e sinais vitais do paciente. Se tiver dúvidas, posso sempre ver a gravação.

Mas isso não altera o facto de que, assim que soube quem era o meu paciente, quis que ele morresse.

## O CAMINHO

Observe, impotente, os dois auxiliares levarem a maca com o corpo de Caleb Donaghy ocultado sob o lençol azul limpo que Madison acabara de desdobrar. Os jovens *Carontes*, envergando fatos cirúrgicos azuis-escuros e realizando o seu trabalho rapidamente, não me dizem nada, limitando-se a lançar-me um olhar piedoso e depois a desviar os olhos. Um deles traz auriculares, provavelmente ouvindo música ou talvez um jogo. Para ele é apenas um dia normal no seu emprego.

Não sou a primeira cujo trabalho vêm buscar para levar para a morgue. Nem serei a última. É um pequeno milagre se for o último do dia de hoje. O hospital em que trabalho é um dos maiores do país e tem uma excelente reputação, mas, mesmo assim, as pessoas morrem. Um riso amargo escapa-me dos lábios ao lembrar-me de que fui recentemente reconhecida por ser uma peça-chave dessa reputação, já que o meu recorde perfeito contribui para o prestígio do hospital como lugar de escolha para a cirurgia cardiovascular. A taxa de mortalidade mais baixa em cirurgia cardiorácica no estado e entre os dez mais baixos da nação, depois de hospitais como Stanford, Mass General e a Clínica Mayo.

Eu fazia parte desse sucesso. Agora olho para os dois auxiliares que levam o meu paciente morto para o elevador de serviço e daí para a morgue na cave. Um rápido serviço de limpeza, pois não seria desejável que muitos olhos pousassem no infeliz. Daí não viria qualquer bem ao mundo.

Uma morte, entre tantas histórias de sucesso, famílias reunidas e sonhos realizados, que o meu trabalho tornou possível.

Apenas uma morte. Contudo, pesa tanto na minha mente.

– Agora vá para casa – afirma Madison, agarrando-me com firmeza pelo cotovelo e conduzindo-me para fora do bloco operatório.

Cumpro a sua ordem sem objeções. Depois do corpo de Caleb Donaghy ter

saído, não tenho qualquer razão para ficar no bloco operatório frio e deserto. Cheira a morte, a sangue e a plástico novo. Começo a descalçar as luvas e a tirar a máscara, depois o fato cirúrgico descartável num movimento rápido, e enrolo tudo numa bola que atiro para o grande contentor junto à porta. O gesto é familiar, está arreigado em mim com o cheiro do desinfetante e a sensação das luvas de nitrilo na minha pele. Fixa-me, ajuda-me a seguir em frente, um vagabundo errante, embora com uma sequência de movimentos bem ensaiados.

– Deixe-me chamar um Uber – oferece-se Madison assim que chego ao gabinete.

O sossego daquele compartimento familiar com as suas prateleiras cheias de revistas médicas e tratados de cirurgia, com a grande secretária junto à janela, a cadeira de couro, que me recebeu inúmeras vezes após longas operações, e o enorme sofá, onde de vez em quando dormitava durante um turno de setenta e duas horas, era exatamente o que eu precisava. Caminho hesitante para lá com os olhos semifechados, cansada até aos ossos. Anseio pelo cobertor suave, pendurado nas costas dele, muito bem dobrado, pronto a ser usado. Tem estampados cachorros *Golden Retriever* amarelos e fofinhos. Gosto de me enrolar e de afundar nele o meu rosto, para esquecer tudo durante uns misericordiosos minutos.

Madison interceta-me com mão firme.

– Não. Vá para casa. Amanhã vai agradecer-me.

Desta vez resisto, ou pelo menos tento. Recuo, franzindo um pouco a testa. Esse gesto simples exige muita energia.

– Só um bocadinho, Maddie, por favor. Se eu me pudesse deitar só por um instante...

Seja como for, ela parece ser minha mãe e eu a filha teimosa, mas hoje sinto-me à vontade nesse papel, quando preciso de que outra pessoa se encarregue de mim; mas, se pudesse confiar em mim própria para tomar essa decisão, saberia que bastava falar em voz firme e olhá-la apenas por um segundo para que me deixasse em paz.

Mas, por uma vez, não há problema em deixar outra pessoa decidir.

Ela abana a cabeça.

– Já sabe como é o protocolo, Anne. Existe para seu benefício. Vai para casa e amanhã não vem. São essas as regras.

A ideia de ter de lidar com a administradora hospitalar, a ferozmente rigorosa e motivada Dra. Jody Merriwether, ou M como todos lhe chamam, faz com que

sinta o início de uma enxaqueca mesmo no centro da testa. Não me recordo de quem lhe deu esse epíteto; foi durante a minha especialidade e a reputação precedia-a. A alcunha M colara, inspirada nos filmes de James Bond nos quais era preciso uma M para manter na ordem o imparável 007.

Até os estagiários mais recentes conheciam o nome e receavam-na mais do que aos seus respetivos especialistas rotativos.

Não sou exceção, nem sequer catorze anos depois de trabalhar no hospital que ela gere como um almirante de barba branca comanda um navio de guerra. Ainda receio enfrentá-la. Um olhar na minha direção e ela sabe imediatamente que algo está mal. Bem, algo que não um paciente morto pelo meu bisturi.

Graças a Madison não tenho de a enfrentar hoje. Receando subitamente que M possa entrar no meu gabinete e me questione até eu dizer o que fiz, agarro na mala e no casaco e passo bruscamente pela minha assistente. Ela fica a olhar para mim com a boca levemente aberta e os olhos redondos, provavelmente sem perceber porque tinha vencido o assalto tão depressa. Não sou exatamente famosa por ser fácil de influenciar.

Parecendo não confiar em mim, acompanha-me aos elevadores.

– Sente-se bem para conduzir? – pergunta, observando-me como se eu tivesse bebido.

Não me sinto bem. Não me sinto bem desde que vi a cara do meu paciente, o inconfundível sinal cor de vinho do Porto na testa. Mas a ideia de partilhar o espaço de um carro com um desconhecido durante os próximos vinte e cinco minutos parece-me insuportável. Tal como sou capaz de despir o fato cirúrgico a dormir, espero que seja a mesma coisa conduzir até casa. Rotina. Fácil. Nem me lembro há quantos anos percorro o mesmo caminho. Desde que terminei a faculdade de Medicina. Por isso faço um gesto de assentimento, reunindo toda a minha força de vontade para lançar a Madison um olhar tranquilizador em que ela parece acreditar. Dá-me um abraço quando ouve o gemido das portas do elevador a abrirem.

Depois fico só. Por fim.

O parque de estacionamento está deserto, quase completamente às escuras, pois a escassa iluminação é demasiado fraca para combater o crepúsculo de uma tarde de março. Não há muitos turnos que terminem às três e meia da tarde; felizmente não tenho de dar conversa a ninguém enquanto me dirijo ao carro.

Mas só respiro completamente quando fecho a porta do carro atrás de mim, vedando a minha bolha ao resto do mundo. Ligo o motor e giro o botão do ar

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cirurgiã"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).